



Olhar de Professor

ISSN: 1518-5648

olhardeprofessor@uepg.br

Departamento de Métodos e Técnicas de

Ensino

Brasil

Riqueti, Carlos Eduardo; Albalás Couto, Gabriela

Hábitos de consumo entre catadores de materiais recicláveis: uma abordagem metodológica

Olhar de Professor, vol. 13, núm. 2, 2010, pp. 267-277

Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino

Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68420656005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Hábitos de consumo entre catadores de materiais recicláveis: uma abordagem metodológica

Consumption habits among recyclers: a methodological approach

Carlos Eduardo Riqueti*
Gabriela Albañas Couto**

Resumo: Considerando a profissão de catador bastante emblemática para discutirmos a respeito do tema “hábitos de consumo” e suas diversas facetas (ambientais, sociais, políticas, educacionais), procuramos conhecer o que os catadores de uma determinada cooperativa de reciclagem pensam sobre consumo: como e o que consomem, como gastam o que recebem com a reciclagem de materiais, o que consideram essencial e o que consideram desnecessário em termos de consumo. A pesquisa consistiu em ouvir a opinião dos indivíduos em dois momentos: em entrevistas individuais e em uma discussão em grupo. Participaram 34 catadores da cooperativa Coopere-Centro, localizada em São Paulo. Percebemos com esta pesquisa que não há como falar de “catador” de forma homogênea, pois o grupo dos catadores é tão diversificado quanto numeroso. A pesquisa mostrou que, diante da oportunidade de terem uma renda mensal garantida pelo trabalho na reciclagem, os catadores adotam comportamentos distintos. Por isso, concluímos que o processo de (re)inclusão social não é instantâneo nem linear: cada indivíduo tem seu tempo e sua maneira de desenvolver habilidades sociais, sendo o consumo ou a forma como administra o dinheiro uma delas. A reciclagem, por fim, não é a última etapa do processo produtivo. Para os catadores, ela representa, muitas vezes, o início, o ponto de partida para uma série de conquistas, destacando-se a reconstrução da sua dignidade.

Palavras-chave: Grupo focal. Técnicas de entrevista. Discurso. Consumo. Catadores de materiais recicláveis.

Abstract: All individuals regardless of their place in society are exposed and are influenced in many different forms and varying degrees of intensity by consumption patterns. Considering the profession of recyclers quite emblematic for discussing this issue and its various aspects (environmental, social, political, educational), there has been an attempt to know what the recyclers think about consumption: how and what they consume, how they spend their money, what they consider essential and what it is unnecessary for them. The purpose of the research was to hear the opinion of individuals in two phases: during individual interviews and in a group discussion. 34 recyclers from the cooperative Coopere, located in the centre of São Paulo participated in the study. The research showed that there is no singular discourse among recyclers, because this is a large and diverse group. The research has shown that given the opportunity of a fixed monthly income by working in recycling, the workers act very differently from each other. Therefore, it was concluded that the process of (re) inclusion is neither instantaneous, nor linear: each individual has his/her own way of developing social skills, and behaves differently towards consumption patterns as well as in managing money. Recycling is not the last step of the

* Graduado em História pela USP. Doutorando em Educação pela USP. E-mail: carlosriqueti@usp.br

** Graduada em Pedagogia pela UFSC.

production process; for recyclers, it is often the beginning, the starting point of a series of achievements, among which the reconstruction of their dignity.

Keywords: Focus group. Interview techniques. Discourse. Consumption. Informal recyclers.

*A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão, balé
A gente quer a vida como a vida quer
A gente quer saída para qualquer parte
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente quer inteiro e não pela metade
Necessidade, vontade, necessidade, desejo¹*

Introdução

Todos os indivíduos, independentemente do lugar que ocupam na sociedade, estão expostos a padrões de consumo, são influenciados por eles e os constroem, sob as mais diversas formas e em diferentes graus de intensidade.

Tais padrões, por inúmeras razões, são, em alguma extensão, criadores e, ao mesmo tempo, produtores de discursos. Esses discursos, formulados por uma infinidade de questões específicas, em contextos também específicos, “encontram-se” (muitas vezes, acidentalmente), dependendo do caso, negados, sobrepostos ou reforçados, em reapropriações que causam novos impactos, produzindo novos discursos que tendem, inclusivas, muitas vezes, a assumir o estatuto de verdade. A título de exemplo, podemos citar como determinados discursos dos movimentos ecológicos, em prol da defesa do meio ambiente, são apropriados pelas grandes empresas, no sentido de sofisticarem as manei-

ras pelas quais o consumo é não só garantido como também estimulado.

Não pretendemos aqui fazer uma discussão acerca das inúmeras formas e intensidades pelas quais tais padrões – e os discursos que os acompanham e os legitimam – afetam as pessoas ou o meio ambiente. Numa outra direção, mais modesta, nosso objetivo central neste trabalho foi buscar compreender as formas de consumo dentro de um grupo específico, circunscrito em um espaço e tempo determinados, a saber, os catadores da Coopere-Centro, ao longo do segundo semestre de 2010.

Esse recorte se justifica por considerarmos significativa a experiência de pessoas que viviam em situação de rua (algumas delas ainda vivem) e que são, similarmente a outros grupos de catadores, pessoas que vivenciam situações de grande vulnerabilidade social. Entretanto, em dado momento de suas vidas, ao entrarem para a atividade organizada da reciclagem, essas pessoas passam a ser incluídas, ainda que precariamente (MARTINS, 1997), na sociedade, por meio de um projeto de geração de renda, tornando-se, assim, também consumidores.

Chamamos atenção para a expressão *situação de rua*, lembrando que tal condição pressupõe distinções entre *ficar* na rua, *estar* nela e *ser* dela, implicando formas distintas de inserção na rua vividas por esses sujeitos. Dessa forma, utilizamos a expressão *população em situação de rua* por considerá-la a “mais apropriada para designar uma situação de passagem” (ROSA, 2005, p. 66) que contempla a heterogeneidade caracterizadora

¹ Adaptação da música *Comida*, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto.

dessa questão, matizando uma situação de trabalhadores que estão em diferentes momentos de um processo dinâmico, não linear e provisório.

Partindo desse ponto, decidimos verificar as especificidades do grupo, na condição de consumidores. Bauman (2005, p. 76-77) levanta uma instigante questão ao afirmar que o consumismo

[...] decreto não inclui o desempenho de tarefas sujas, cansativas, aborrecidas ou apenas desinteressantes, “sem alegria”. A cada triunfo sucessivo do consumismo, cresce a necessidade de coletores de lixo [...]. Em seus sonhos noturnos podem moldar-se à semelhança dos consumidores, mas é a sobrevivência física, e não a orgia consumista, que lhes ocupa dos dias.

Eis um exemplo de discurso que queremos questionar. Baseados no argumento acima – e dentro dos limites que o formato de um artigo nos coloca –, perguntamo-nos: por conta de sua condição social, será que a atividade que ocupa os dias dos catadores da Coopere limita-se exclusivamente à sobrevivência física?

Nosso esforço é, assim, o de analisar alguns padrões de consumo dos catadores da Coopere que participaram da pesquisa, por eles próprios percebidos e apontados. Como lidam, ao mesmo tempo, com seu poder real de consumo – aquilo que sua renda permite adquirir –, e as necessidades, os desejos de consumo que permeiam a sociedade como um todo, criados alhures? O que e como consomem? Restringem-se ao consumo do indispensável? O que é essencial na visão deles? O que consideram supérfluo? O que pensam sobre desperdício?

Com essas questões em mente, apresentamos, a seguir, os passos tomados para a elaboração do nosso estudo, iniciado por

uma breve caracterização da cooperativa onde realizamos a pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa

Os catadores selecionados para a realização deste trabalho participam de uma cooperativa denominada Coopere-Centro². Essa cooperativa iniciou suas atividades no ano de 2003, durante a gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) na prefeitura de São Paulo, na ocasião da criação do Programa Coleta Seletiva Solidária, que inaugurou 14 centrais de triagem de resíduos sólidos em um projeto piloto que seria expandido para as 31 subprefeituras do município. Localizada no bairro do Bom Retiro, região central de São Paulo, é responsável por boa parte da coleta seletiva realizada em seu entorno e no chamado centro expandido, que abrange os bairros dos Jardins, Pinheiros e a região do parque do Ibirapuera, incluindo a coleta no próprio parque. No momento da realização da pesquisa, contava com 100 cooperados.

Fruto de um projeto social desenvolvido pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, a Coopere, além de ser uma central de triagem da prefeitura, é também parte integrante do *Programa Catadores de Materiais Recicláveis e Pessoas em Situação de Rua*, que existe há 15 anos. Ela recebe pessoas oriundas de três diferentes núcleos de reciclagem: Coorpel, Coopamare e Recifran³. Esses núcleos acolhem pessoas em situação de rua que procuram uma oportunidade de trabalho e de reinserção produtiva e social.

² Mês de referência dos dados apresentados: setembro de 2010.

³ A Coorpel é um projeto do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos; o Recifran é um Projeto do Serviço Franciscano de Solidariedade; e a Coopamare, primeira cooperativa de catadores do Brasil, é um projeto acompanhado pela Organização do Auxílio Fraterno.

A idade média dos cooperados é de 43,5 anos, e sua escolaridade média é o Ensino Fundamental incompleto. No entanto, o grupo é bastante diversificado, contando com pessoas jovens e também idosas, algumas sem alfabetização nenhuma, outras com Ensino Médio completo e/ou formação técnica e fluência em alguma língua estrangeira. São muitas histórias de vida singulares, com necessidades diferentes, que compartilham o mesmo espaço e a mesma atividade produtiva. O grupo também é diversificado quanto às questões de gênero (praticamente 50% de homens e 50% de mulheres) e de orientação sexual (cerca de 90% de heterossexuais e 10% de homossexuais).

Os cooperados têm sua renda proporcional às horas trabalhadas e à quantidade de material vendido na quinzena. Recebem todo dia 15 um adiantamento, o “vale”, no valor de R\$ 300,00 (igual para todos). O restante é pago no dia da “retirada”. Esse valor é calculado com base na produção coletiva, sendo que há um desconto de 10% desse montante para o fundo da cooperativa. O saldo é dividido entre eles, na proporção dos dias trabalhados, e do valor bruto são descontados 11%, referentes ao INSS. O ganho total de um catador da Coopere, na ocasião da pesquisa, situava-se entre R\$ 800,00 a R\$ 1.000,00 mensais.

Dos métodos empregados

A pesquisa foi desenvolvida com total assentimento e adesão da coordenação da cooperativa, formada por cinco catadores. Devido ao fato de que esta pesquisadora estava desenvolvendo sua pesquisa de mestrado⁴ com o mesmo grupo há cerca de

sete meses, a nossa entrada lá e a aceitação da proposta por parte deles foram facilitadas. Primeiramente, realizamos duas reuniões com a coordenação, que nos ajudou a elaborar as estratégias necessárias para que conseguíssemos atrair voluntários para a pesquisa, visto que as etapas de coleta de dados seriam realizadas fora do horário de trabalho dos catadores, fator que poderia interferir negativamente na adesão do grupo ao projeto.

No entanto, em uma reunião organizada pela coordenação da cooperativa com praticamente todos os catadores presentes (cerca de 90 pessoas), conseguimos a adesão voluntária de 34 pessoas. Esse fato nos surpreendeu e nos forçou a redesenhar a pesquisa, pois prevíamos, inicialmente, a participação de no máximo 16 pessoas de ambos os性os, número adequado às técnicas que havíamos escolhido e ao tempo que possuímos para sua realização. Com esse número menor de participantes, acreditávamos ser possível apontar questões que pudessem ser generalizadas a todo o grupo (estariam trabalhando com uma amostra de 15%) e, ao mesmo tempo, dar profundidade ao estudo, visto que selecionamos metodologias específicas de um estudo qualitativo, conforme André (2005). Como as pessoas se voluntariaram de uma maneira bastante gentil e espontânea, optamos pela não exclusão de nenhum participante, passando a trabalhar com os 34 voluntários.

Seguindo as orientações da abordagem qualitativa de pesquisa social, foram utilizadas técnicas específicas para a realização desta pesquisa – um estudo de caso –, pois o que se pretendia era conhecer em profundidade uma situação particular, específica e contextualizada (ANDRÉ,

⁴ Gabriela Albanás Couto desenvolve a pesquisa *Aprendizagem social e desenvolvimento humano nas*

cooperativas de reciclagem: um estudo de caso, no âmbito de seu mestrado em educação pela Universidade de São Paulo.

2005). De acordo com esse objetivo, foram elencadas duas técnicas básicas, recomendadas pela literatura para tal fim: entrevistas individuais semiestruturadas, fundamentadas em autores como Boni e Quaresma (2005) e Thiolent (1985), e grupo focal, segundo orientações de Gatti (2005).

As entrevistas foram realizadas na própria cooperativa, inicialmente nos intervalos de almoço dos cooperados. Durante o percurso, algumas delas puderam ser também realizadas no horário de trabalho, especialmente nos casos em que os coordenadores encaminhavam voluntários para conversarem conosco. Foi criado um roteiro de questões abertas, que era complementado por um questionário fechado, ao final da entrevista. É preciso citar a realização de uma entrevista-piloto, que nos possibilitou testar a pertinência das questões e a recepção das mesmas pela entrevistada, bem como a duração da entrevista. Esse piloto permitiu a revisão e o ajuste de alguns aspectos da estrutura da entrevista, o que consideramos de suma importância para a continuidade do processo da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e transcritas na íntegra. Por limitações de tempo e disponibilidade por parte de pesquisadores e sujeitos, apenas metade das entrevistas pôde ser realizada, questão que será discutida no tópico das conclusões do estudo.

Com relação ao grupo focal, tivemos de ajustar a proposta inicial (realização de dois grupos) com a disponibilidade dos participantes e a limitação de tempo dos pesquisadores. Desse modo, utilizamos dois critérios para a formação do grupo: sujeitos que não haviam nos concedido entrevista, por falta de tempo, e também alguns entrevistados que demonstraram, durante a entrevista, maior adesão à proposta e interesse em participar do grupo, para que, dessa forma,

otimizássemos o momento da discussão focal, contando com a participação voluntária e ativa dos sujeitos.

Seguindo as recomendações de Gatti (2005), iniciamos a discussão com uma dinâmica para facilitar o debate: durante 15 minutos foram exibidas cenas do filme *Koyaanisqatsi*⁵, previamente selecionadas pelos pesquisadores de acordo com os objetivos propostos. Assim, iniciamos o debate sobre o que eles pensavam acerca do que viram no filme e, após essa rodada inicial, introduzimos as questões específicas que havíamos preparado. A discussão foi gravada em vídeo e fotografada. Para isso, contamos com a colaboração de duas pessoas convidadas especialmente para esse fim, o que liberou os pesquisadores para se concentrarem na mediação do debate.

Para a análise dos dados, foi criada uma tabela no programa Excel, com as sínteses das respostas fornecidas pelos entrevistados, o que serviu de base para as interpretações, de acordo com a técnica qualitativa de análise de conteúdo. Essa técnica ajuda a organizar o pensamento do pesquisador e é bastante apropriada para “analisar e categorizar as mensagens e o conteúdo obtido mediante entrevistas, cadernos de campo, questionários, grupos de discussão, textos legais etc.” (MUNDINA, 2005, p. 18, *tradução nossa*). Dessa forma, analisamos também a gravação do grupo focal, cruzando as falas dos participantes com dados previamente coletados, oriundos do banco de dados da cooperativa correspondente ao período em que se realizou a pesquisa (idade, situação de moradia, número de dependentes etc.).

⁵ *Koyaanisqatsi: uma vida fora de equilíbrio*. Direção: Godfrey Reggio, EUA, 1982. Os critérios utilizados para a seleção das cenas utilizadas estão explicitados mais adiante, no item b: “A riqueza da utilização do grupo focal como método”.

Das técnicas empregadas

a) A utilização de entrevistas como método qualitativo

Optamos pelo uso de entrevistas individuais semiestruturadas para a elaboração da pesquisa pelo fato de que essa técnica permite ouvir pessoas que dificilmente se exporiam de outra maneira, considerando suas particularidades – histórias comoventes e difíceis de serem tanto narradas como ouvidas. Dado o grau de escolaridade do grupo, no geral, e em respeito àqueles com maiores dificuldades em relação à leitura e à escrita, evitamos instrumentos que demandassem tais conhecimentos. Além disso, a entrevista possibilita, de imediato, a obtenção de maiores esclarecimentos e detalhamentos quando a informação fornecida pelo entrevistado não é clara, ou quando o entrevistador não consegue, por alguma razão, compreender seu informante.

Devemos escutar as fontes orais como a música, em estéreo, com registros diferentes para cada ouvido. Por um lado escutamos o que nos dizem e por outro, ouvimos o que não nos dizem, porque não querem compartilhar, porque não sabem dizer, ou porque não sabemos perguntar. (VILANOVA, 1998, p. 31-42).

Outra vantagem da técnica da entrevista é que ela possibilita algo que, na falta de vocabulário mais apropriado, chamamos aqui de **correções de desvio**. Um exemplo prático ocorrido ao longo de nossa pesquisa pode melhor ilustrar o que pretendemos dizer. Mesmo após a aplicação da “entrevista piloto” e da reelaboração das questões que apresentaram problemas, pois não estavam bem formuladas, percebemos que os entrevistados tendiam a responder à questão “Como você gasta o seu salário?” a partir

daquilo que achavam ser o correto, ou talvez procurando causar uma boa impressão nos entrevistadores. Assim, questões como “Qual foi sua última extravagância?” tendiam a ser praticamente ignoradas, respondidas vagamente, enquanto que as responsabilidades (pagamento do aluguel, das contas de água e luz) dos entrevistados eram por eles destacadas e reiteradas a todo o instante. Ao percebermos o que ocorria, formulamos, no desenrolar da entrevista, a seguinte questão: “E o que você costuma fazer nos finais de semana, quando não está trabalhando?” Essa nova pergunta permitiu que uma grande quantidade de informações (as extravagâncias), antes não fornecidas, emergissem no diálogo.

A utilização de entrevistas numa pesquisa apresenta, também, dificuldades. A primeira delas é a grande quantidade de tempo que essa ferramenta demanda, não apenas no ato da entrevista, mas também na transcrição e análise dos conteúdos. Além disso, a difícil tarefa de adequar a agenda da pesquisa à disponibilidade dos entrevistados interfere de maneira considerável.

Essa técnica demanda um grande esforço do pesquisador, uma vez que dele são requeridas habilidades suficientes para manter o equilíbrio entre: a) escutar atenta e respeitosamente seu interlocutor; b) direcionar o entrevistado para determinados “lugares” (quando, por exemplo, o assunto começa a sair do foco); c) deixar determinada margem de abertura para o surgimento de novos elementos, quando for o caso; d) encorajar o interlocutor a falar em momentos de dificuldade; e) ser sensível o bastante para saber o momento de calar ou mudar de assunto. Tudo isso ao mesmo tempo! E mais: cada entrevista é um caso único e, sendo assim, não há receita que garanta seu sucesso.

Devemos mencionar o potencial que a entrevista individual possui de

estabelecer vínculos entre entrevistador e entrevistado. A proximidade entre os cooperados e os pesquisadores era visível, a cada retorno ao campo: as pessoas que já haviam passado pela entrevista nos cumprimentavam e se dirigiam a nós como amigos de longa data, o que não ocorria com os outros participantes que não haviam passado pelo mesmo processo.

Entre os pesquisadores, com relação a esse ponto, ficou um consenso: para os entrevistados, talvez sejamos mais dois pesquisadores a passarem pela cooperativa. Entretanto, o compartilhamento daquelas histórias conosco deixaram marcas que dificilmente serão esquecidas.

b) A riqueza da utilização do grupo focal como método

Conforme mencionado, com o intuito de realizarmos a triangulação de diferentes técnicas, utilizamos, junto com as entrevistas, a ferramenta grupo focal. De acordo com Gatti (2005, p. 11),

[o] trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas (...) constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum [...].

O uso de um elemento disparador, comumente chamado de “dinâmica quebra-gelo” é de grande valia para que a discussão dentro do grupo se inicie. Essa dinâmica pode ser pautada em recurso audiovisual que

aborde a questão central que se quer introduzir no debate. Assim, utilizamos a projeção de trechos pré-selecionados do filme *Koyaanisqatsi*, que lembrassem os temas consumo e desperdício. Apesar de o elemento disparador ser essencial para a discussão no grupo focal, percebemos que essa estratégia demanda habilidade dos mediadores para ponderar as questões que emergem nesse momento, sendo necessário o ajuste constante do foco central da discussão. Por exemplo, em dado momento da exibição do filme, comentamos com os participantes que as cenas foram gravadas em Nova Iorque. Essa informação fez com que o início – e boa parte – da discussão se voltasse a uma crítica à cultura americana e a comparações entre EUA e Brasil. Embora muito ricas, as questões levantadas pelos participantes estavam fora do escopo daquilo que se pretendia debater, o que exigiu de nós, pesquisadores e mediadores do grupo, um esforço no sentido de realinhar a discussão aos nossos objetivos iniciais. É preciso encontrar o equilíbrio entre o foco, o “desvio” e a abertura para a “novidade”, permitindo que novas questões apareçam e, ao mesmo tempo, cuidando para que os objetivos sejam atingidos.

Ainda sobre as habilidades do mediador, lembramos o desafio de coordenar as falas dos participantes que, em diversos momentos do debate, tendem a falar ao mesmo tempo, dificultando a gravação e atrapalhando a dinâmica do grupo. Em nossa experiência com os catadores, porém, nos momentos em que isso acontecia, eles próprios percebiam e ajudavam a controlar a situação, o que também demonstra que ficaram bastante à vontade para realizarem a discussão focal conosco.

O grupo focal permite, também, a criação e/ou o fortalecimento de vínculos entre os pesquisadores e os participantes, bem como dos participantes entre si. Isso

porque, durante essa atividade, as opiniões das pessoas são recebidas e valorizadas pelos pesquisadores e pelo grupo. Assim como as entrevistas individuais permitem que as pessoas revelem dados que não compartilhariam de outro modo, a utilização do grupo focal também proporciona experiência semelhante, ainda que de forma aparentemente inversa: aquilo que, às vezes, as pessoas não têm coragem de expor individualmente – talvez porque se sintam protegidas pelo grupo, frente à ameaça do “estranho” (entrevistador) –, fazem-no coletivamente. Podemos citar como exemplo um fato ocorrido quando a discussão do grupo focal ia ser finalizada. Em dado momento, quando se discutia a questão de reaproveitar produtos que as pessoas jogam fora, surgiu algo totalmente novo e transgressor: os participantes admitiram comer alimentos que aparecem na esteira de triagem, o que é proibido no grupo, mas que todos, de certa forma, reconheceram fazer. Algo dessa natureza dificilmente seria revelado em uma entrevista individual, mas, no grupo, com a possibilidade de encontrar eco nos colegas, ou de ter a fala diluída entre as demais, esse dado novo apareceu.

Como último aspecto a ser mencionado, o sucesso da realização do grupo focal depende de uma boa estrutura física. Isso significa que deve existir um preparo prévio, como a organização do local que receberá os participantes, atentando para questões como o conforto térmico da sala, a luminosidade, a disposição dos móveis etc. Além disso, os pesquisadores devem ter domínio técnico dos equipamentos que serão utilizados para o registro do grupo, como filmadora, gravador, câmera fotográfica e projetor de filmes. Sem esse preparo e domínio, a realização do grupo focal dificilmente terá sucesso. Um facilitador, no caso desta pesquisa, foi a presença de duas pessoas convidadas que nos auxiliaram com as questões de registro (uma

filmou e outra fotografou), o que nos propiciou melhores condições para mediarmos as discussões de maneira mais serena e apropriada. Destacamos, inclusive, a relevância de se conhecer o local onde o grupo focal será realizado. Tivemos um imprevisto: não havia cortinas no salão onde a reunião ocorreu, e o excesso de luminosidade acabou por prejudicar, parcialmente, a projeção de cenas do filme.

Considerações Finais

Tem muita gente que tem pouco dinheiro e nem pensa: vai lá e compra, compra, compra. Quanto mais tem [dinheiro], mais compra, mas quem não tem dinheiro também compra. (depóimento de uma catadora feito durante entrevista)

A despeito das dificuldades e limitações da utilização das ferramentas escolhidas para a execução deste estudo, já comentadas, concluímos que nossa opção metodológica foi acertada, uma vez que, ao operar com entrevistas semiestruturadas e grupo focal, conseguimos atingir o objetivo ao qual nos propusemos inicialmente: analisar os padrões de consumo do grupo em questão. Na verdade, os resultados superaram nossas expectativas e, nesse sentido, algumas considerações se fazem necessárias.

A surpresa a que nos referimos ilustra uma dificuldade em especial, entre tantas outras, que todo pesquisador enfrenta: a de superar-se a si mesmo e aos seus próprios preconceitos. Queremos dizer com isso que, inicialmente, parecia-nos estranho propor o estudo aqui desenvolvido, pela simples razão de que também nos parecia óbvio que os sujeitos participantes da pesquisa, dada sua condição financeira/social, na luta pela

sobrevivência diária, quase nada consumissem. Em outras palavras: como pensar em padrões de consumo, se provavelmente a maior – e talvez única – preocupação dessa população seria a de comer?

Os discursos e a “verdade” produzidos em torno dos catadores de materiais recicláveis impediam-nos de pensar tal população como consumidora. Nossa pesquisa não teria sido nem ao menos imaginada, caso não tivéssemos, minimamente, tentado ultrapassar os obstáculos impostos por esse preconceito, questionando essa “verdade”, ainda que o nosso recorte não leve em consideração os complexos processos que culminam na sua produção.

Assim, uma vez nos permitindo chegar até a Cooperativa, tentando ver – tanto quanto isso fosse possível –, mais do que aquilo que queríamos encontrar, iniciamos a pesquisa. À medida que os estudos avançavam, outras surpresas iam surgindo; por exemplo, após a pesquisa, foi possível constatar que os catadores se esforçam, cotidianamente, para não serem apenas aqueles a quem são destinadas as sobras indesejáveis, depois que a festa do consumo termina (BAUMAN, 2005). Na luta diária por sua (re)inclusão, apropriam-se daquilo que conseguem, inventando sua própria festa. Os limites impostos pela sua condição social é fato inquestionável. Entretanto, quando se trata de padrões de consumo, bem como dos desejos e as atitudes a eles atrelados, percebemos que há pouca diferença, se comparados aos de outros grupos sociais. Selecionei as seguintes falas, que facilmente poderíamos imputar à “classe média”, por exemplo, obtidas por meio das entrevistas e do grupo focal, para ilustrar nosso argumento:

O que eu gosto de comprar é roupa e produto de beleza. Produto de beleza eu compro todo o mês, nem que seja da Avon.

Ah, eu bebi todas! (risos) Fui num restaurante, comi, me diverti, ouvi música...

Quando eu tenho dinheiro, eu faço minhas coisas de manhã, aí eu vou pro shopping com o meu filho. [...] no Frei Caneca, que é mais perto, ou então no Shopping Light, no viaduto do Chá.

[...] ela fez aniversário dia 17, fez 6 anos... ela quer uma Barbie que custa cento e poucos. Eu falei: ‘no final do ano eu te dou’. Não é na hora que ela quer, entendeu?

O leite, eu ainda tenho uma força porque a escola dá, mas aí tem a fruta, tem bolacha, Danone, essas coisas, entendeu?

Pudemos também perceber que a reciclagem é muito mais do que a última etapa, o estágio final de um processo linear, geralmente descrito como “extração \Rightarrow produção \Rightarrow consumo \Rightarrow descarte (e seu reaproveitamento)”. A manipulação dos produtos pós-consumo pelos catadores pode significar coisas que nos escapam, pois, por inúmeras razões, não nos chegam tão facilmente. Dentro elas, gostaríamos de assinalar que a inclusão social proporcionada pela atividade da reciclagem – na Coopere, pelo menos –, não é automática, nem linear, e vai muito além do aspecto econômico. Mesmo porque, se fosse apenas uma questão financeira, talvez a cooperativa não fosse a melhor alternativa. O depoimento que aqui selecionamos – de uma ex-carroceira que trabalha com reciclagem há 17 anos, membro da Coopere desde sua fundação –, é bastante emblemático e nos mostra outras facetas da questão:

Entrevistador: E quem tem sua própria carroça, quem não está ligado à cooperativa nenhuma, você acha que ganha mais?

Cooperada: Tirar mais, tira, mas só que dentro da cooperativa a gente tem muita vantagem que um carroceiro que fica na rua não tem... hoje eu não puxaria uma carroça porque não aguento. Com os pontos [locais fixos de coleta] que eu tinha eu ganharia bem mais do que eu ganho aqui, mas eu ainda prefiro estar aqui. Porque aqui tem os coordenados que ajuda a gente... Se você tá na rua, não! Ainda mais a gente que é mulher, os homens toma os material! Você tá com aqueles material bão em cima da carroça, eles vem e quer tomar. Aqueles 'morcegão', que é aqueles caminhão clandestino também... se você não aceita vender pra eles a troco de nada... é difícil a gente que é mulher trabalhar na rua. Por isso que é bom a gente estar dentro de uma cooperativa porque é mais seguro, porque você trabalha em grupo, é mais seguro... Depois que eu cheguei aqui minha vida mudou bastante. O barraquinho que eu tenho foi depois que eu vim pra cá, minhas coisas tudo que eu tenho é da reciclagem. [...] Aqui também tem aquele negócio... tem os planejamento, tem as assembleias, assim, que você pode falar as coisas e você vai aprendendo a dar mais valor ao seu próprio dinheiro. Muitas vezes antigamente o que não conseguia fazer com bastante dinheiro hoje eu faço. [...] Muitas horas eu comento com os companheiros: eu ajudo meu marido – que também é recente, tem 6 meses que eu tô com esse

meu companheiro –, sustento a minha casa, e nunca faltou nada. Eu vejo muitos aqui que é solteiro e vem me pedir dinheiro emprestado.

Ainda falando especificamente do âmbito econômico, percebemos que o carroceiro – quando desvinculado de uma organização, trabalhando de maneira solitária – tem enfrentado outras dificuldades, à medida que mais pessoas (não necessariamente catadores) vão descobrindo a importância econômica dos resíduos sólidos, aumentando assim a concorrência. Como ilustra a mesma depoente,

[...] antigamente você ainda achava muito material reciclável na rua. Hoje em dia você não acha. Antigamente até latinha você achava na rua, hoje pra você achar uma latinha é difícil. Que nem o plástico: hoje o preço tá bem mais alto, você não acha nem pet na rua.

Além do aspecto financeiro, também percebemos que a renda mensal média de R\$ 800,00 a R\$ 1.000,00 confere aos catadores da Coopere o *status* de consumidores; porém, isso não é garantia de resoluções de questões de outras ordens: há quem ainda se ressinta por assuntos familiares mal resolvidos – causa de sua atual situação de rua; há pessoas que, mesmo conscientes dos problemas que possuem devido à dependência química, preferem não lidar com isso agora. Há, ainda, exemplos de solidariedade, conflitos e disputas de poder, relações de gênero, e uma série de outras questões que abrem possibilidades para diversos estudos.

Desse modo, ficou muito claro, principalmente após nossa convivência com esse grupo, que é impossível falar sobre “o/a catador/a”, mesmo se limitando exclusivamente ao/à “catador/a da Coopere”. A singularidade dos casos encontrados nos

impediria de incorrer no erro de aplicar a todo o universo de catadores um estereótipo único de catador. Entretanto, não obstante às especificidades de cada caso, percebemos um elemento comum, presente na grande maioria dos depoimentos, reiteradamente: o fato de entrar para a cooperativa e dela fazer parte é algo transformador também num outro patamar: o da dignidade.

[...] *Às vez até prá repórter que vem aqui, eu não tenho vergonha de hoje falar o que eu vivi, porque graças a Deus tem as menina [as outras catadoras] que se a gente começa querer a cair... porque você sabe, no começo tudo é difícil... elas vem, dá um puxão ni você, sacode prá você acordar, ver que a vida não é aquela... aí você vai crescendo. Eu tô aqui desde o planejamento [criação] e gosto do que eu faço. Não que eu não tenho capacidade de arrumar um serviço aí de doméstica, de faxineira – eu já trabalhei de cozinheira –, mas hoje eu não troco a cooperativa que eu trabalho por qualquer outro serviço.*

Minha autoestima aumentou porque hoje eu sou responsável por mim mesma, então, eu não dependo de ninguém. Eu fiquei com a autoestima mais elevada. Mais independente. Eu sou... [pausa] tipo... eu sou eu! (risos.)

Encerramos este artigo com o sentimento de que, ao nos aproximarmos dos catadores da Coopere – manipuladores da produção pós-consumo –, não entramos em contato com “o outro”. Não é uma questão de quem está, usando mais uma vez a metáfora de Bauman (2005), dentro e fora da orgia consumista. Não há um “eles” e um “nós”. Conforme anteriormente anunciado, em se tratando de padrões de consumo, os catadores não constituem o outro lado da moeda. Frente aos resultados obtidos, a nós não é mais possível fazer tal afirmação. Mais

apropriado, talvez, fosse perguntar: quantos lados uma moeda tem, afinal?

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.** Brasília: Líber Livro, 2005. Série Pesquisa em Educação, v. 13.
- BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Vida para consumo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BONI, V. & QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v.2, n.1, p 68-80, 2005.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.
- MARTINS, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.
- MUNDINA, J. B. Análisis de contenido. Posibilidades de aplicación en la investigación educativa. **Revista Interuniversitaria de Formación de Profesorado.** Vol. 19, número 002. Universidad de Zaragoza, Espanha, 2005, p. 157-174.
- ROSA, C. M. M. **Vidas de rua.** São Paulo: Hucitec/Associação Rede Rua, 2005.
- THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social & enquete operária.** Coleção Teoria e História, nº 6. São Paulo: Polis, 1985.
- VILANOVA, M. La historia sin adjetivos como fuentes orales y la historia del presente. **História oral**, n. 1, p. 31-42, 1998.

Enviado em: 15/03/2011

Aceito em: 25/07/2011